DORIS LESSING: A MULHER BRANCA NA ÁFRICA

SONIA ZYNGIER

Se a problemática da mulher como integrante de uma sociedade patriarcal é tão complexa, como esse seminário tem procurado demonstrar, o que dizer daquelas mulheres que, além de enfrentarem os problemas inerentes ao seu gênero, se vêem inseridas num contexto que agrava sobremaneira seus conflitos existenciais e ideológicos? Eu me refiro à vida dramática das mulheres brancas que Doris Lessing retrata nos seus contos africanos e especialmente em *Canção da relva*. Para se ter uma idéia geral da situação, é necessário examinar como Lessing vê o problema existencial do colonizador inglês e de seu descendente, para daí verificar-se como a questão se agrava em relação à mulher.

A autora escreve a partir de sua realidade imediata. Nascida na Pérsia em 1919, muda-se com os pais para a Rodésia aos 5 anos e, aos 30, após filiar-se ao Partido Comunista, deixa o marido e emigra com o filho para a Inglaterra. Começa em sua própria biografia o problema da nacionalidade e da identidade. Ao contrário da postura da minoria branca, Lessing não se sente privilegiada por ter nascido de um inglês. Insiste no mal que esta atitude advinda de idéias imperialistas causaram e continuam a causar. Sua estraneidade aparece na obra *In pursuit of the english*, de 1960, onde conta como seus pais odiavam por um lado o conservadorismo, a estreiteza e a tradição dos ingleses e, por outro, o novo, a falta de tradição e a cultura da Rodésia. Já a própria tentativa de definir o que é ser inglês se torna muito difícil. Lessing descreve como essa definição, bastante enganosa e diluída na própria Inglaterra, assume uma multiplicidade de significados nas colônias.

Mas quem são esses ingleses que Doris Lessing apresenta em seus contos africanos? Já não são os aventureiros ou os missionários em busca de si próprios que Joseph Conrad mostra em "Heart of darkness". Muito dos contos de Lessing giram em torno de famílias que se fixam de uma forma ou outra e que já participam de uma estrutura social mais complexa. Com uma dose de ironia, Lessing classifica os ingleses das colônias da seguinte forma:

- 1 — os que se arrependeram por terem emigrado;
- 2 — os que estão felizes por terem emigrado, mas que conservam suas raízes na Inglaterra;
- 3 — os que se assimilaram ao ambiente e que detestariam pôr os pés na Inglaterra novamente.
- 4 — os que já nasceram nas colônias mas que descendem de um avô inglês.

Ou seja, o afastamento e o desligamento desses ingleses da metrópole, com exclusão do terceiro grupo, é praticamente impossível.

Os personagens que a autora cria em seus contos são, na visão de Frederick Karl, proteiformes, o que contribui para uma densidade e uma dimensão profunda da experiência humana. Embora apresentem traços em comum, cada personagem acrescenta uma faceta diferente à tessitura social.

Grande parte dos contos se limita à vida rural do que foi a Rodésia (hoje Zimbabwe) e da África do Sul de até 1949, quando Lessing se fixa na Inglaterra. Em 1956, ela retorna à Rodésia pela última vez, pois a partir de então é considerada *persona non grata*.

Esses ingleses buscam a vida comunitária para evitar o desespero que Joseph Conrad e Rudyard Kipling haviam descrito na virada do século. No texto 1 (ver "Anexo"), um personagem tenta mostrar ao outro a necessidade de total entrega ao grupo em detrimento de uma atitude individualista. Além disso, esse convívio social repete os padrões da metrópole. Em "The De Wets come to kloof grange", a vizinha faz um convite por escrito para um chá, indiferente ao calor africano, e pergunta se a convidada teria tempo disponível. A situação é absurda já que as casas estão a um palmo de distância e nenhuma das duas têm o que fazer o dia inteiro. Os afazeres domésticos ficam sob a responsabilidade de criados. Para completar o quadro, a anfitriã prepara uma quantidade desproporcional de comida, só para ter o que fazer (texto 2).

As festas e as gincanas são dissociadas do mundo africano, gerando um isolamento grupal, que, por outro lado, cria paradoxos. Os ingleses têm de conviver entre si mas ao mesmo tempo se ressentem de não poderem ficar sozinhos. A situação das personagens de Lessing que não trabalham nem dentro nem fora de casa se agrava. Seu mundo é mais restrito do que o do homem. Apesar de ter sido uma mulher independente na juventude (viveu inclusive em Buenos Aires!) e, de no tempo presente do conto, estar vivendo com dois homens, numa *ménage a trois*, Julia de "Winter in July", uma vez radicada na África, passa a viver numa condição de transe constante "(pois os homens passavam a maior parte do tempo no campo) ... e para ela, o suave fluir das horas era marcado por nenhuma necessidade de ação que fosse o suficiente forte para despertá-la".¹ Como em Conrad, esse isolamento leva a uma exacerbação da consciência do *eu* que se torna insustentável.

Usando-se da metáfora da bomba dos anos pós-guerra, Lessing afirma que o indivíduo será destruído assim que ele transgredir o *modus vivendi* do grupo. Ao acreditar no detonamento desta bomba interna, ela se identifica com a literatura característica dos anos 60, que trata do deslocamento e da fragmentação do indivíduo. Forçada a um convívio que rejeita, a esposa de "The De Wets come to kloof grange" fala de seu amargor no texto 3.

Os personagens que, por outro lado, se isolam dos demais ingleses, acabam por se autodestruir. Esta noção de enclausuramento e destruição em Lessing lembra as obras de Kafka, Pinter e Beckett, onde, segundo Karl, o quarto é o local de refúgio, mas também o local de descida para o inferno e a desolação física deste quarto espelha o estado psicológico do indivíduo. Dele não se escapa a não ser para retrair-se ao seu próprio eu. O quarto é um sím-

¹In: *Collected african stories*, p.193.

bolo físico de impotência, falta de opções, vontade e determinação. É a regressão final.²

Em *Canção da relva*, além da pressão social, o indivíduo é também oprimido pela natureza. O sofrimento de Mary Turner se intensifica através do calor, dos mosquitos e carrapatos, do sibilo ensurdecedor das cigarras e da ameaça constante da malária.

Outra esposa branca aparece ao fundo do conto "The anthep". O foco trágico está localizado na metáfora (muito usada por Lessing) do formigueiro como imagem da África e no relacionamento do menino branco com o menino mestiço em tensão com a norma social. O que nos interessa no momento é a imagem da mãe de Tommy Clarke, a única mulher branca na mina de ouro. Por natureza solitária e vivendo sob um calor abrasador, ela não desce ao inferno nem se aniquila como Mary Turner. Aqui, a Sra. Clarke vai definindo ano após ano, ficando cada vez mais dormente e silenciosa. Apesar de viver em um lar aparentemente tranqüilo, de ter um relacionamento harmônico com o marido, a realidade subjacente desta esposa é outra. "Tudo levava a crer que se gostavam. Mas raramente se falavam. O que se tinha para dizer?"³

A sensação de ser estrangeiro na África é legada aos filhos por uma educação dissociada da realidade local e é totalmente fantasiosa, tendendo a reafirmar os valores da metrópole, como aparece no texto 4. Recolhida ao lar que a sufoca, alheia à realidade, a mulher branca se volta contra o ambiente de forma irracional (texto 5).

Outra forma de sobrevivência é a busca ao passado, onde a mulher constrói uma vida imaginária. O drama se concentra na consciência que esses personagens têm dessa negação (texto 6).

Nos contos aparecem outras mulheres brancas que se integram ao ambiente, mas de uma forma inaceitável para os padrões da classe média inglesa — as *afrikaners*. De origem holandesa, mesmo antes de perderem a Guerra de 1899-1902 para os ingleses, os *afrikaners* (*boers*) mantinham com estes um relacionamento tenso. Eram fazendeiros calvinistas cujos antepassados haviam chegado à África em 1652 através da Companhia das Índias Orientais. Nos contos de Lessing, os homens aparecem geralmente como capatazes dos ingleses, às vezes falando somente o *afrikaans* e aceitam qualquer condição como moradia. Por vezes, vivem num tal nível de pobreza que leva o inglês ao pânico. Diferente deste, o *afrikaner* se entrega à situação nova. Não tem ligação com a Holanda, pois a África é o seu lugar. Se essa visão sofrida do fazendeiro *afrikaner* assusta o inglês, que vê aí uma ameaça surda ao seu futuro, a mulher *afrikaner*, por outro lado, pobre e cheia de filhos perde inclusive sua condição humana. Em "The second hut", ela é comparada a uma porca com sua ninhada, sem capacidade para se comunicar verbalmente (texto 7).

Outra forma de sobrevivência nessa sociedade que a mulher inglesa ou descendente de ingleses encontra está na dispensa de caridade. Lessing considera esse esforço inútil pois não é comprometido. Tem função paliativa. Assim que Jane MacCluster de "Little Tembi" gera seus próprios filhos, deixa de lado o

compromisso que tinha assumido com a enfermaria de atendimento aos negros de sua fazenda. Estende favores e depois os retira sem pensar nas consequências. Não consegue amar a criança negra que a procura e a quem ajudara a salvar.

Se contato social em termos equivalentes com o negro era impossível (claro que a relação patrão/empregado era válida e mantida), que dizer de contato físico? A miscigenação não é sequer considerada. Em "Leopard George" o protagonista, solteiro, rico e solitário, se preocupa por ter demonstrado um pouco de afeto à negra que usava três vezes por semana para fins sexuais, porque esta começa a pedir um pouco de atenção individual. Ele a despacha de imediato e recebe outra negra. Ao saber que se trata da esposa do líder negro de seus criados, ele também a despacha apesar dos protestos da moça e, durante a noite, ela acaba sendo devorada por um leopardo. George se casa nas três últimas linhas do conto com uma fazendeira branca, viúva, que aguardava o momento certo. Segundo Lessing, era "uma mulher que tinha a inteligência para compreender o que podia ou o que não podia fazer se quisesse permanecer como senhora de *Four winds*".⁴

Mas a África também atrai a mulher. Em *Canção da relva*, Mary Turner, num misto de fascínio e repulsa, não consegue tirar os olhos dos corpos seminus e musculosos dos trabalhadores e dos seios das mulheres que amamentavam seus filhos livremente. No final do romance, um medo irracional a encurrala e Mary se submete de corpo e alma ao empregado. O ato de ceder ao impulso e entregar-se quebra a estrutura psíquica de Mary, que enlouquece (texto 8).

Este é um breve quadro onde Lessing retrata meninas, moças solteiras, esposas e viúvas brancas em choque com a realidade africana. Sem a compreender ou sem poder se adaptar, a mulher é levada ao desespero manifestado através da intolerância, do isolamento, do medo. Desta forma, Lessing desvia o foco da denúncia social do preconceito e do racismo para uma avaliação subjetivista do sofrimento humano incitado pelo colonialismo. Na mulher, esta condição é agravada por sua sujeição ao homem branco. Lessing reconta essa experiência cataclísmica determinada por padrões da sociedade patriarcal inglesa dominante. O drama da submissão feminina se assemelha, de certa forma, ao do continente negro, mas, ao contrário da África, cujo futuro é deixado em suspense, a mulher em Lessing não tem escolha, saída ou esperança.

ANEXO

Doris Lessing: a mulher branca na África

"Old John's Place", p. 161

Kate was silent: there seemed such a distance between what she felt and how Mrs. Lacey was speaking. She got up, propelled by the pressure of these unsayable things, and began wandering about the veranda in front of Mrs. Lacey. 'You see, she said helplessly, 'we've all been living together so long. We all know each other very well.'

⁴Ibid, p. 192.

²KARL, p. 298-9.

³In: *Collected african stories*, p. 346.

'You are telling me, commented Mrs. Lacey, with an unpleasant laugh. 'Well?'

Kate sighed. 'Well, we have all got to go on living together, haven't we? I mean, when people have got to live together...' She looked at Mrs. Lacey to see if she had understood.

She had not.

Kate had, for a moment, a vivid sense of Mrs. Sinclair standing there beside her; and from this reinforcement she gained new words: 'Don't you see? It's not what people do, it's how they do it. It can't be broken up.'

"The De Wets ...", p. 85

She went herself to the kitchen to cook, scones and cakes. At eleven o'clock she was seated on the veranda in the greendappled shade from the creepers, saying to herself that she believed she was in for a headache. Living as she did, in a long, timeless abstraction of growing things and mountains and silence, she had become very conscious of her body's responses to weather and to the slow advance of age. A small ache in her ankle when rain was due was like a cherished friend. Or she would sit with her eyes shut, in the shade, after a morning's pruning in the violent sun, feeling waves of pain flood back from her eyes to the back of her skull, and say with satisfaction: 'You deserve it, Caroline!' It was right she should pay for such pleasure with such pain...

Mrs. Gale jumped to her feet and cried gaily: 'I am so glad you had time to come'. Mrs. De Wet giggled irresistibly and said: 'But I had nothing else to do, had I?' Afterwards she said scornfully to her husband: 'She's nuts. She writes me letters with stuck-down envelopes when I'm five minutes away, and says Have I the time? What the hell else did she think I had to do?' And then, violently: 'She can't have anything to do. There was enough food to feed ten'.

"The De Wets come to kloof grange," p.77

For the first time the knowledge that she must soon, next week, take another woman into her life, came home to her; and she disliked it intensely.

Why must she? Her husband would not have to make a friend of the man. They would work together, that was all; but because they, the wives, were two women on an isolated farm, they would be expected to live in each other's pockets. All her instincts towards privacy, the distance which she had put between herself and other people, even her own husband, rebelled against it. And because she rebelled, rejecting this imaginary Dutch woman, to whom she felt so alien, she began to think of her friend Betty, as if it were she who would be coming to the farm.

'This child could not see a msasa tree, or the thorn, for what they were. Her books held tales of alien fairies, her rivers ran slow and peaceful, and she knew the shape of the leaves of an ash or an oak, the names of the little creatures that lived in English streams, when the words "the veld" meant strangeness, though she could remember nothing else.' (p. 13 "The old chief Mshlanga").

"The De Wets...", p. 95

That night Mrs. Gale hated her garden that highly-cultivated patch of luxuriant growth, stuck in the middle of a country that could do this sort of thing to you suddenly. It was all the fault of the country! In a civilized sort of place, the girl would have caught the train to her mother, and a wire would have put everything right. Here, she might have killed herself, simply because of a passing fit of despair. Mrs. Gale began to get hysterical. She was weeping softly in the circle of her husband's arm by the time the sky lightened and the redness of dawn spread over the sky.

"The De Wets come to kloof grange", p. 75-76

So, when her husband had gone to bed she remained under the lamp, re-reading her letter, sewing, reading or simply dreaming about the past, the very distant past, when she had been Caroline Morgan, living near a small country town, a country squire's daughter. That was how she liked best to think of herself been added to and extended, and surrounded with verandas and fenced; inside the fence were two acres of garden,

that she had created over years of toil. And what a garden! These were what she lived for: her flowering African shrubs, her vivid English lawns, her water-garden with the goldfish and water lilies. Not many people had such a garden.

"The second hut", p. 47-48.

A lean-to had been built against the hut. It was merely a roof of beaten petrol tins, patched together like cloth with wire and nails and supported on two unpeeled sticks. There, holding a cooking pot over an open fire that was dangerously close to the thatch, stood a vast slatternly woman. She reminded him of a sow among her litter, as she lifted her head, the children crowding about her, and stared at him suspiciously from pale and white-lashed eyes.

'Where is your husband?' he demanded.

She did not answer. Her suspicion deepened into a glare of hate: clearly she knew no English.

Striding furiously to the door of the hut, he saw that it was crowded with two enormous native-style beds: strips of hide stretched over wooden poles embedded in the mud of the floor. What was left of the space was heaped with stained and broken belongings of the family. Major Carruthers strode off in search of Van Heerden. His anger was now mingled with the shamed discomfort of trying to imagine what it must be to live in such squalor.

Fear rose high in him. For a few moments he inhabited the landscape of his dreams, a grey country full of sucking menace, where he suffered what he would not allow himself to think of while awake: the grim poverty that could overtake him if his luck did not turn, and if he refused to submit to his brother and return to England.

The grass is singing, p. 160 - 16

Then he carefully took the glass from her, put it on the table, and, seeing that she stood there dazed, not knowing what to do, said: 'Madame lie down on the bed.' She did not move. He put out his hand reluctantly, loathe to touch her, the sacrosanct white woman, and pushed her by the shoulder; she felt herself gently propelled across the room towards the bedroom. It was like a nightmare where one is powerless against horror: the touch of this black man's hand on her shoulder filled her with nausea; she had never, not once in her whole life, touched the flesh of a native. As they approached the bed, the soft touch still on her shoulder, she felt her head beginning to swim and her bones going soft. 'Madame lie down; he said again, and his voice was gentle this time, almost fatherly. When dropped to a sitting position on the bedside, he gently held her shoulder and pushed her down. Then he took her coat off the door where it hung, and placed it over her feet. He went out, and the horror retreated; she lay there numbed and silent, unable to consider the implications of the incident.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KARL, F.R. *A reader's guide to the contemporary english novel*. USA/Farrar, Straus and Giroux, 1972.
LESSING, Doris. *Collected african stories*. London, Triade Grafton, 1979. v.1.
—, *The grass is singing*. London, Granada Publishing Ltd., 1980.
—, *In pursuit of the english*. London, Granada Publishing Ltd., 1980.